

# DESPEDIDA em TONS de AZUL

ONTEM, FOI VELADO O ARTISTA PLÁSTICO PAULO IOLOVITCH, QUE DEDICOU A VIDA À ARTE E À CULTURA. PINTOR LEVOU SUAS TELAS PARA AS RUAS, TORNANDO-SE FIGURA CONHECIDA NA CAPITAL

Zuleika de Souza/CB/D.A. Press



Em 2010, Azul passou a expor seus trabalhos a céu aberto na 304 Sul

» LETÍCIA MOUHAMAD

Imagine um artista plástico cuja determinação em pintar resulta em calos nos dedos. Parece exagero, mas foi o que ocorreu com o desenhista Paulo Iolovitch, que tinha tintas e pincéis como melhores amigos. As lesões, aliás, eram motivo de orgulho, fruto de uma vida dedicada à arte e à cultura. Somente a doença de Parkinson, diagnosticada há seis anos, interrompeu seus movimentos que coloriam a capital.

No último domingo, o trabalho do “gênio”, como muitos amigos o definiram, virou legado. Aos 88 anos, Iolovitch, que já sofria demência, faleceu de causas naturais. Também cartazista, gravurista e, sobretudo, vendedor de rua, como gostava de frisar, Azul — codinome adotado desde que passou a assinar suas telas com um traço nessa cor — expôs em galerias brasileiras e estrangeiras ao longo dos quase 70 anos de atividade. Ele deixou dois filhos, um neto e uma legião de aprendizes. Seu corpo foi enterrado, ontem, no Campo da Esperança.

Apesar das exposições, Azul ganhou notoriedade mesmo ao percorrer bares e restaurantes da capital do país oferecendo suas telas debaixo do braço. O roteiro incluía o Bar Brasília, o Mercado Municipal e, principalmente, o Beirute. Figura conhecida entre os artistas e boêmios, ele conseguia atingir todos os públicos com suas pinturas, que impressionavam por cores fortes, com destaque para o vermelho, o amarelo e o azul.

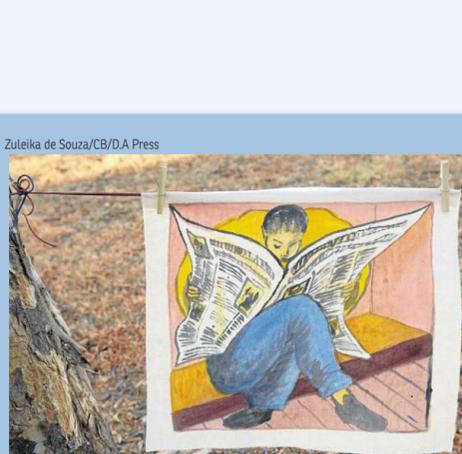
## Trajatória

“Vou pintar Brasília”, pensou o artista plástico ao chegar à capital, em 1962. Paulista de nascimento, ele rapidamente se tornou brasileiro de coração. “Trouxe cavaletes e telas em branco. Quando cheguei e vi essa



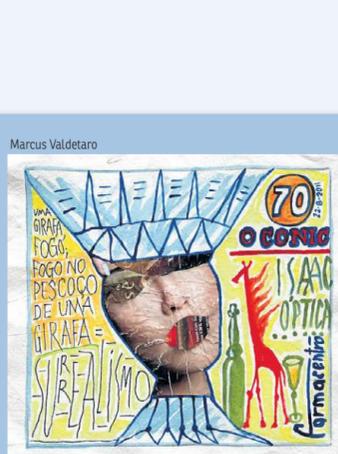
Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

Artista ficou conhecido por vender suas telas em bares



Zuleika de Souza/CB/D.A. Press

Os trabalhos eram vendidos a preços módicos



Marcus Valdetaro

Obra retrata o cotidiano do Conic

multiplicidade cultural, adorei tudo”, declarou o pintor em uma entrevista ao **Correio**, em 2006, quando conversou sobre sua trajetória.

Na primeira entrevista cedida ao **Correio**, em 1964, Iolovitch foi descrito como aquele que “ama a arte e tudo em sua vida que gira em torno dela”. A respeito dos seus desejos, a reportagem acrescenta: “(Paulo) tem planos para o futuro: pintar o máximo possível, pintar tudo, fazer Arte com A maiúsculo”.

Após quase duas décadas vendendo telas em bares e restaurantes, Azul passou a expor suas obras a céu aberto no jardim da quadra onde vivia, na 304 Sul. “É uma nova fase na minha vida e espero que inspire outros. É bom mudar, evoluir. Sou um mutante”, resumiu, em 2010. Com uma corda amarrada entre as árvores, ele pendurou várias telas para que os passantes e moradores da região contemplassem e adquirissem seus trabalhos.

“É a melhor galeria de arte do mundo. Precisava continuar vendendo as minhas pinturas, ganhar dinheiro, e aí veio essa inspiração. Você encontra as pessoas, elas dão sugestões. E a cada dia temos uma exposição diferente. Porque a todo instante, troco as telas. Dou uma espiada pela janela, aí de repente desço, substituo uma tela ou outra. É ao mesmo tempo uma exposição de arte e uma forma de intervenção urbana”, destacou, à época.

Para o filho Yuky Iolovitch, o artista tinha gênio forte, gostava do que era diferente e sempre foi “cabeça aberta”. “Ele renovou a arte de Brasília, recebendo, inclusive, prêmios e honrarias. Além disso, tinha uma ligação especial com a natureza, para onde gostava de viajar”, afirma. A filha Ana Paula Iolovitch lembra que, por muitos anos, foram as vendas nas ruas que sustentaram a casa. “Foi também uma forma de ganhar a vida”, diz.

## Legado

Para o poeta Nicolas Behr, Azul era produtivo e fazia questão de ir atrás do público, não esperando que lhe procurassem. “Recordo-me de que ele ‘anunciava’ suas obras sem falar qualquer palavra, apenas mostrando-as. Era um artista do silêncio”, afirma. A rebeldia de não se submeter aos ditames do mercado também é, segundo Behr, outra marca registrada do pintor. “Era uma pessoa muito simples e vendia a preços bastante acessíveis”, lembra.

“Paulo (Iolovitch) trouxe vida para Brasília. Falamos que aqui não há esquinas, mas sua produção estava em ‘todas as esquinas’ da capital. Ele levou arte para as ruas”, descreve a produtora e artista plástica Liana Farias, sobre o legado de Iolovitch. Foi ela uma das responsáveis por produzir o documentário *Grafite ambulante*, que trata da obra do pintor.

O curta-metragem, que mergulha na intimidade do artista, registra o impacto de seu trabalho criativo no cotidiano de Brasília, mostrando que a arte pode ser simples sem deixar de ser bela e valiosa. “A presença do Paulo nas noites da capital nos dá a impressão de que estamos em casa, sinais essenciais de uma cidade que amadurece”, diz o documentário. “Foi nos bares que o conheci, descobrindo sua genialidade”, comenta Liana, emocionada.

O legado do pintor influenciou vários outros artistas na capital, como Nelson Maravalhas, 68, professor do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). “Conheci Paulo há cerca de 50 anos e já me surpreendi com seu trabalho, me inspirei. Diferentemente de outros artistas, já reconhecidos, que vieram para Brasília, ele (Paulo), iniciou e desenvolveu sua carreira aqui, tornando-se pioneiro na região”, comenta.

## Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

### Sepultamentos realizados em 18 de novembro de 2024

#### » Campo da Esperança

Braz Rossi, 87 anos  
Celita Maria Santos Moreira, 85 anos  
Elizabeth Araújo Lisboa, 47 anos  
Kali Maia Filho, 77 anos  
Liliane Rios da Silva, 54 anos  
Manoel da Cunha Freires, 88 anos  
Paulo Iolovitch, 88 anos  
Paulo Ricardo de Barros, 61 anos

Pedro Alves Batista, 89 anos  
Samyr Marrocos Pinheiro, 48 anos

#### » Taguatinga

Brasiliano Felipe da Silva, 55 anos  
Claudionei Braz dos Santos, 52 anos  
Cristalino Barbosa de Freitas, 89 anos  
Divino Neto da Silva, 64 anos  
Enequina Rodrigues dos Santos, 62 anos  
Jayme da Cruz, 72 anos  
Nilce Maria da Purificação, 53 anos

Rita Alves Lima, 62 anos  
Sandra Alves da Silva, 53 anos

#### » Gama

Helena de Araújo Santos Ferreira, 71 anos  
Iara Maria dos Santos, 41 anos  
Luzia da Conceição, 81 anos

#### » Planaltina

Ronne Pablo Magalhães Oliveira, 30 anos

#### » Brazlândia

Gley Adalberto de Andrade Casemiro, 61 anos  
João Ribeiro Barros, 88 anos  
Luzia Alves de Arruda, 85 anos  
Rosa Alves Silva, 73 anos

#### » Sobradinho

Maria Serra Ribeiro, 104 anos

Neyde Soares da Hora, 87 anos

#### » Jardim Metropolitano

Adaelson Oliveira Mendes, 71 anos  
Severino Marques Monteiro, 89 anos (cremação)  
Eliane Magalhães Zenha, 70 anos (cremação)  
Ademir Cavalcante, 63 anos (cremação)